

MAIS (E, EM CERTOS ASPECTOS, MELHORES) HISTÓRIAS EM PERIÓDICOS.

Cadernos de História Social. Campinas, 1, jun 1995. Campinas, 2, out 1995.

O surgimento dessa revista contribui para maior contato entre diferentes núcleos de pesquisa histórica e os estudos gerados em Campinas e noutros lugares.

Seu editorial a caracteriza como “publicação acadêmica sem vínculos institucionais”, lembrando que tais laços “criam obstáculos para que uma publicação ultrapasse os muros da própria instituição”. Trata-se de preocupação (alcançar públicos ampliados) louvável, antídoto ao que, noutro texto, caracterizamos como síndrome de *house-organ* – periódicos especializados que atingem o público interno da instituição editora, que já conhecem seus conteúdos via cursos, palestras, teses e outros meios¹.

Ao mesmo tempo, o vínculo inexistente anunciando diz respeito a instituições acadêmicas formais – centros de pós-graduação, cursos de graduação, museus, arquivos etc.: seria conveniente deixar mais claro o novo caráter institucional da publicação (grupos de amigos ou pesquisadores com interesses em comum geram instituições diferentes daquelas), até para que sejam melhor entendidas as “dificuldades na confecção de um primeiro número”, conforme aquele

editorial, e sua capacidade de produção em termos de financiamento e coleta de materiais, p. ex..

No plano gráfico, a publicação surpreende agradavelmente pelas soluções simples e eficazes: encadernação grampeada, uso de imagens (sempre muito dispendiosas) apenas na primeira capa. Essas saídas configuram importante descentralização editorial no campo de conhecimento histórico, contribuindo para superar o aprisionamento da pesquisa às “grandes revistas”, possibilitando o fortalecimento de múltiplos laboratórios de pensamento na área – algo paralelo a micro-imprensa, teatro amador e *rock* de garagem, de onde surgem tantas criações de peso.

A revista abrange duas seções: “Artigos” (pesquisas originais) e “Reflexões Bibliográficas” (“temas ou autores de relevo para a História Social”). Certamente, essas categorias se mesclarão em vários casos, observando-se, até agora, tendência a encaixar na segunda resenhas ou comentários historiográficos.

Os artigos publicados nesses dois primeiros números de *Cadernos de História Social* são provenientes de pesquisas desenvolvidas na USP (Paulo de Assunção, 1), na Unicamp (André Caes e Paulo Barreto, 1; Adriana Romeiro, Edilene Toledo e Liane Bertucci, 2) e na Université de Lille (Frank

1. Silva, Marcos A. da. “O Historiador e suas Revistas Especializadas”. *História & Perspectivas*. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 4, pp. 153-158, jan/jun 1991.

Lestringant, 2). Na outra seção, os Autores são ligados à Unicamp (Pedro Monteiro e Jefferson Cano, 1) e à UFPR (Ronald Raminelli, 2). Essa diversidade de origem ou atuação profissional, malgrado compreensível maioria ligada à Unicamp, atesta o esforço rumo àquele projeto institucionalmente aberto.

Os vários artigos, em sua natural diversidade temática e metodológica, evidenciam inteligência e atualidade.

Assunção, em “As Metáforas Religiosas na Conquista da América Portuguesa”, comenta fontes, explorando a força de imagens verbais na ação missionária. O Autor contextualiza formalmente as metáforas referidas, pensando menos em sua pragmática. Ao priorizar a identificação de fontes bíblicas, por exemplo, dá menor atenção ao debate sobre destinos de ovelhas – serem tosquiadas ou devoradas por quem é mais forte, sem remorso nem ressentimento, conforme Nietzsche (1985) ². A fala de Assunção tende a confundir-se parcialmente com seus referenciais documentais devido a essa renúncia à interpretação. Quando ele apresenta apavorantes imagens verbais de suas fontes, caso da frase de Nóbrega sobre o indígena como “todo papel branco e não há mais que escrever a prazer”, indica a riqueza dos caminhos que está trilhando enquanto pesquisador, onde avulta, em nosso entendimento, o produzir da submissão em nome de Deus.

Caes, no artigo “A Igreja Católica no Brasil: as Estratégias de Reestruturação, 1890/1934”, analisa a emergência do dispositivo (no sentido foucauldiano) católico no país, explorando principalmente fontes eclesiais, traçando um quadro da recomposição nas relações Igreja/Estado naquele período. O Autor trabalha menos a Historiografia: cita os estudos de Bruneau, Miceli e Rago mas não discute Lenharo (*Sacralização da Política* poderia contribuir para o

2. Nietzsche, Friedrich. *Genealogia da Moral*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

estudo da paróquia como família), Raul Silva (presença católica na Constituinte de 1933/1934) e Zélia Lopes da Silva (estuda cruzamentos entre projetos católicos e de outros grupos de pressão na Constituinte) (Lenharo, 1986) (Silva, 1978) (Silva, 1991) ³. O livro de Pedro Sinzig sobre Caricatura e Imprensa, publicado em 1911, também poderá introduzir elementos sobre interesses da Igreja que não se restringiam ao estado.

Barreto, com “A Arte e a Cultura no Centro de Ciências, Letras e Artes – Campinas, 1901/1915”, descreve as atividades daquela instituição, o público por ela mobilizado e os interesses mobilizadores em sua ação. Sua maior preocupação com a sociabilidade suscitada a partir desse conjunto de elementos aparece mais como atraente projeto que efetiva demonstração, em especial, no item conclusivo do artigo – “como a atividade artística é reelaborada concomitantemente ao processo de urbanização, possibilitando a emergência de novos atores sociais atuando no interior da classe média e da pequena burguesia em ascensão”. É possível que esse descompasso se deva às dificuldades surgidas na transformação de capítulo de Dissertação de Mestrado em artigo isolado, com a perda de contextos oferecidos por outras partes do original completo.

Lestringant, através de “1492 e o Conhecimento”, trabalha com fontes textuais europeias, articulando Antiguidade/Modernidade e Nascimento da Antropologia. Nesse trajeto, conhecimento foi tornado igual a cultura europeia. Trata-se de texto ricamente informativo, que se valorizaria ainda mais em diálogo

3. Lenharo, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas, Papyrus, 1986.

Silva, Raul. *Influência Política da Igreja Católica na Assembleia Constituinte*. Dissertação de Mestrado em História, defendida na UnB, Brasília, mimeografado, 1978.

Silva, Zélia Lopes da. *O Arcaico e o Moderno na Constituinte de 1933/1934*. Tese de Doutorado em História Social, defendida na FFLCH/USP, São Paulo, impresso digitado, 1991.

com outros horizontes de conhecimento menos eurocêntricos – que ocorreu com as culturas pré-colombianas após 1492, p. ex.?

“O Novo Mundo e a Ruptura da Ordem”, de Romeiro, comenta temas da clássica peça *A Tempestade*, de William Shakespeare. Surpreendentemente, *Romeiro se apóia em tradução francesa daquele canônico texto da língua inglesa, sem considerar existência ou problemas de traduções para português. As menções a Hobbes ou De Léry são sugestivas, configurando belas hipóteses de trabalho, que ainda parecem esboços ensaísticos – isto não é defeito, antes define opção por um gênero de escrita. Na p. 25 desse artigo, falta a 16ª linha, o que merece futura correção através de errata.*

Toledo dedica “O Sindicalismo Revolucionário e a Federação Operária de São Paulo no Início do Século XX” às nuances do movimento operário, investindo principalmente na dimensão informativa, donde permanecer, às vezes, num plano excessivamente genérico – na p. 38, por exemplo, identifica Malatesta como “inspirador de grande parte dos grupos anarquistas no Brasil nas primeiras décadas do século”. Não fica claro, na conclusão, o apelo a Andreina de Clementi, Autora de *Politica e Società nel Sindacalismo Rivoluzionario – 1900/1915*, uma vez que o *locus* escolhido no artigo é São Paulo: o sindicalismo revolucionário possui dimensões internacionais tão homogêneas?

Bertucci, com “Casa e Comida. Aspectos do Cotidiano Operário em São Paulo no Início do Século XX”, relaciona, a partir da Imprensa Operária, condições de moradia e alimentação a incidência de tuberculose entre trabalhadores – o título do artigo poderia, concisamente, indicar esse viés. Além de apresentar evidências documentais, a Autora comenta e explora historiadores como Morse, Chalhoub, Perrot e Stedman-Jones. Pelos temas abordados, seria interessante também discutir as publicações de Maria Auxiliadora Guzzo Decca

(1987)⁴. Nuances do período escolhido também merecem maior explicitação – as políticas sanitárias e as lutas de trabalhadores sofrem mudanças entre 1890 e 1920.

No conjunto, esses artigos revelam saudável preocupação empírica, evitando o vazio do teorismo. As referências a Foucault, De Certeau e Barthes, dentre outros, ajudam a lembrar, todavia, que nem toda teoria implica em teorismo e que pensar em experiências pode levar a reescrever teorias, permitindo àquelas também serem reescritas teoricamente. Vale lembrar que a ojeriza em relação a qualquer teoria significa empirismo.

Os textos divulgados na seção “Reflexões Bibliográficas” se caracterizam por igual pluralidade temática e teórica.

Monteiro, em “Purgatório de Açúcar e de Almas: Apontamentos Sobre Algumas Leituras do Engenho de Antonil”, estabelece criativos contrapontos entre o jesuíta italiano e dois de seus leitores brasileiros – Alice Cannabrava e Alfredo Bosi. Seu principal e polêmico tema diz respeito à objetividade de Antonil, que teria sido melhor apreendida por Cannabrava, enquanto Bosi permaneceria no plano do escândalo ético. O debate é rico e difícil, inclusive por fazer dialogarem intelectuais inteligentes, que não podem ser apenas descartados pela negação. É possível que a evocação dos apontamentos de Marilena Chauí sobre objetividade e subjetividade contribua para discutir aquele tema como *lógica do objeto*, que será superada pela consideração de determinações recíprocas sujeito/objeto (Chauí, 1993)⁵. Daí, o brilho de Cannabrava, justamente valorizado por Monteiro, também englobar uma identificação entre objetividade e lógica da dominação. Outra dimensão possível

4. Decca, Maria Auxiliadora Guzzo. *A Vida Fora das Fábricas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

5. Chauí, Marilena. *Cultura e Democracia*. São Paulo, Cortez, 1993.

nesse debate é pensar que a objetividade se mantém como problemática em aberto para qualquer leitor de qualquer Autor.

“O Mundo que os Historiadores Criaram: Edward Thompson, Eugene Genovese e o Tema do Paternalismo”, de Cano, parte do trabalho de dois historiadores brasileiros – Sílvia Lara e Sidney Chalhoub – com o conceito de paternalismo, dialogando com outros leitores de Thompson e Genovese. O texto ajuda a desfazer confusões na leitura desses importantes Autores e impressiona pelo aparato de citações – em 16 páginas, há 61 notas de rodapé! Vale lamentar a ausência de comentários sobre o texto de Eisenberg dedicado a Genovese (Eisenberg, 1983) ⁶, embora seja registrado outro escrito daquele Autor.

Raminelli, com “História e Antropologia – O Conceito de Estrutura Social na História”, discute a adoção desse instrumento analítico por historiadores como Keith Thomas, Alan MacFarlane, Lucien

Febvre e Emmanuel Le Roy Ladurie. Ele finda priorizando uma relação de mão única – da Antropologia para a História –, onde interdisciplinaridade se assemelha a parasitismo teórico. Surpreendentemente, alguns textos de Ginsburg, que tematizam questões evocadas no comentário, não foram abordados por Raminelli (Ginzburg, 1987; 1989) ⁷.

Cabe elogiar a atitude de *Cadernos de História Social* ao publicar todos os seus materiais em língua portuguesa, possibilitando o uso dos textos em espaços de conhecimento que não se restringem à pós-graduação e a certa cosmopolita erudição.

A iniciativa geral de dedicar cuidadosa atenção a questões sociais também é muito apreciável, servindo para contrabalançar o pavor de setores historiográficos em relação ao fantasma da História Neo-Militante: *Cadernos de História Social*, nos temas que aborda e no próprio estilo editorial, demonstra que nem tudo é Tardo-Diletantismo na pesquisa histórica brasileira.

Marcos A. da Silva

Professor no Depto. de História da FFLCH/USP e Bolsista de Pesquisa do CNPq.

6. Peter Eisenberg, “A Escravidão nas Américas: Genovese em Português”, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, 3 (6), pp. 123-128, set 1983.

7. Carlo Ginzburg, *O Queijo e os Vermes*, São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

_____, *Mitos, Emblemas, Sinais*, São Paulo, Cia. das Letras, 1989.